

UM ESTUDO DA CARACTERIZAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA

Ezequiel Bezerra Izaias de Macedo

Jamille Morais da Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Nosso trabalho tem como objetivo realizar a caracterização da personagem Joana no conto **Retábulo de Santa Joana Carolina**, de autoria do escritor pernambucano Osman Lins. Tomando por base o dialogismo bakhtiniano e os olhares acurados de José Luís Fiorin e de Carlos Alberto Faraco, foi realizada uma busca na história e no tempo, através da heteroglossia dialogizada, traço marcante na redação do autor, para a construção da personagem principal do texto.

Palavras-chave: Dialogismo; Vozes; Heteroglossia Dialogizada.

Résumé:

Notre travail a comme objectif réaliser la caractérisation du personnage Joana dans le conte **Retábulo de Santa Joana Carolina**, de l'auteur et écrivain pernambucano Osman Lins. Sous la perspective du dialogisme bakhtinien et les regards aussi théoriques de José Luís Fiorin et Carlos Alberto Faraco, une recherche a été réalisé dans l'histoire et dans le temps, à travers "l'hétéroglossie dialogisée", caractéristique de la rédaction de cet auteur pour la construction du personnage principal du récit.

Mots-Clés: Dialogisme; voix du discours; 'hétéroglossie dialogisée.

1. Trabalho apresentado como parte da avaliação final das disciplinas Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, ministrada pela Professora Doutora Siane Gois, e Compreensão Textual, ministrada pela Professora Doutora Maria Cristina Hennes Sampaio, tendo sido orientado por essas duas docentes.

O verdadeiro escritor não se resigna a dizer as coisas com prudência, assegurando a ideia [...]. Ambiciona, isto sim, erguer as frases à altura do que tenta exprimir: atingir um ponto em que se interpenetrem o texto e seu sentido.

Osman Lins

I. Introdução

O filósofo russo Mikhail Bakhtin nos ensina que a língua tem a propriedade de ser dialógica. Todo discurso é prenhe do discurso de outrem. As vozes sociais presentes no texto são ideológicas, no entanto, possuem as suas devidas individualizações, uma vez que são unas e irrepetíveis.

O conto “Retábulo de Santa Joana Carolina”, de autoria do escritor pernambucano Osman Lins, exhibe um texto denso e profundo. No seu enunciado, praticamente sem parágrafos, o autor nos conduz por uma narrativa envolvente, onde se misturam o místico e o casual, o todo e as partes, o geral e o particular, o cósmico e o cotidiano, o divino e o humano, a vida e a morte. Não há indicações nítidas sobre os diversos narradores, passando de pessoas simples que conheceram Joana, por desconhecidos dela, indo das personagens cónicas até os mais diversos sobredestinatários. O autor remete o leitor a um universo original, onde as vozes do enunciado são várias e não muito bem demarcadas.

Osman Lins divide o conto em doze mistérios e imagina que seja possível formar as imagens de cada uma das doze telas que compõem os painéis que caracterizam a personagem Santa Joana Carolina. É como se cada narrador estivesse diante de um quadro que retrata a cena em que ele interage com Joana e conta a sua parte da história. “O texto supera a linearidade monótona da escrita comum e adquire um caráter semi-

pictórico: a escrita assume assim uma nova natureza, mais visual e, portanto, mais espacial do que a escrita «comum» (FRITOLI, 2006, p. 24).

O objetivo deste trabalho é caracterizar a personagem principal do conto “Retábulo de Santa Joana Carolina”, utilizando-se para isso do dialogismo, do encontro sociocultural das vozes presentes no discurso e da dinâmica que se estabelece no contexto. Essas ferramentas são bem exploradas pelo autor e podem ser a indicação de uma heteroglossia dialogizada, que é um elemento forte do pensamento do Círculo de Bakhtin (FARACO, 2003, p. 56).

O texto utilizado encontra-se no livro “*Melhores Contos de Osman Lins*”, com seleção e prefácio de Sandra Nitri, editado em 2003. No quarto item deste trabalho, iniciamos a caracterização da misteriosa santa nordestina pelo nono mistério, por ser ele muito rico em vozes e pensamentos. A seguir, voltamos ao início da obra e continuamos analisando as narrativas que compõem os variados retratos do retábulo. Elas vão desde o equilibrado nascimento de Joana Carolina, sob o signo de libra, até a sua mística e santificada morte, sob o signo de virgem.

2. O dialogismo e a heteroglossia dialogizada, na construção da personagem

Ao realizarmos uma leitura no conto “Retábulo de Santa Joana Carolina”, percebemos que o autor faz uso do dialogismo, para construir a personagem Joana, nos diferentes olhares de outros personagens, desde aqueles que conviveram anos com ela até os que passaram por sua vida como uma chuva de verão. Isso reforça a afirmação de Bakhtin de que, num enunciado, o discurso de um se encontra com o discurso de outro e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva.

Após um olhar mais acurado, nota-se que a caracterização da personagem Joana Carolina é pautada em elementos extremamente

sociais, uma vez que o autor constrói a imagem da santa, partindo das vozes de outros personagens e se baseando em inter-relações dialógicas. Contudo, percebe-se que ela é extremamente individual, porque responde às condições objetivas dos diálogos de uma forma única. José Luís Fiorin dá um mergulho mais fundo no assunto, ao afirmar que:

O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. (FIORIN, 2003, p. 56)

Quando se focaliza o estilo de Osman Lins, observa-se o encontro sociocultural de vozes, seja alicerçando-se mutuamente, seja confrontando-se parcial ou totalmente, para estabelecer uma dinâmica peculiar no enunciado. Tudo isso visa garantir uma imagem sacra de Joana Carolina.

Sobre o emprego do encontro sociocultural de vozes, Carlos Alberto Faraco aprofunda o conceito bakhtiniano, conforme abaixo:

Para Bakhtin, importa menos a heteroglossia como tal e mais a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interilumiar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante. (FARACO, 2003, p. 57).

Esse recurso faz com que a originalidade do texto se decomponha num entrelaçamento de fios semânticos e narrativos, produzindo a tessitura de um belo enunciado.

3. As relações entre o autor, o narrador e a personagem

Autor é a pessoa ativamente atuante no todo da obra e da personagem. A consciência do autor abraça o seu próprio mundo, como também o mundo da personagem. Por outro lado, a consciência da personagem é cingida, em todas as direções, pelas conclusões do autor.

Narrador é o que narra a história, podendo se apresentar de dois tipos. O narrador onisciente, quando narra em terceira pessoa, tem conhecimento da história e das personagens, bem como observa e conta o que está acontecendo ou aconteceu. E o narrador personagem, quando narra em primeira pessoa, participa da história, conta os fatos à medida que acontecem, mas não pode prever o que acontecerá com as demais personagens. Como já vimos, o conto é rico em narradores. São eles que guiam o leitor para a compreensão do texto e das características da personagem Joana Carolina.

A personagem é um todo semiótico criado pelo autor, o qual parte de uma possibilidade de trabalho. É como uma totalidade semântica que constitui o conteúdo, a partir do qual se desenvolverá a obra literária, seguindo o estilo específico do autor. Para CÂNDIDO (2007), a personagem é a principal responsável pela ficcionalidade da obra, porque é ela que, com mais nitidez, torna patente e constitui a ficção. Ainda por meio dessas personagens, a camada imaginária se adensa e se cristaliza.

O relacionamento entre o autor e a personagem precisa ser entendido como parte de um processo que tem origem nos princípios gerais da criação, mas que se concretiza nas características individuais do autor e nas peculiaridades da obra. Vejamos:

Já enfatizamos o bastante que todos os componentes de uma obra nos são dados através da reação que eles suscitam no autor, a qual engloba tanto o próprio objeto quanto a reação do herói

ao objeto (uma reação a uma reação); é nesse sentido que um autor modifica todas as particularidades de um herói, seus traços característicos, os episódios de sua vida, seus atos, pensamentos, sentimentos, do mesmo modo que, na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam. (BAKHTIN, 1997, p. 26).

Os desejos da personagem, bem como a sua orientação volitivo-emocional, são envolvidos pelos do autor e as afirmações desse último sobre a primeira se interpenetram nas da personagem sobre si mesma. No entanto, ainda segundo Bakhtin, autor e personagem precisam ser relativamente autônomos um em relação ao outro, o que significa que ambos não devem se confundir nem tampouco um deve se submeter ao outro dentro da obra literária.

Especificamente no caso de Osman Lins, observa-se uma procura pela perfeição, na caracterização da personagem feminina, como se vê abaixo:

O corpo feminino é uma interrogação e um mistério que Osman Lins transforma em personagem, retrato de uma busca, busca de um retrato. Na sua tentativa de preencher o vazio de um rosto nunca visto, o silêncio de uma voz nunca escutada, o calor de um regaço nunca sentido, órfão que se tornou logo ao nascer, Osman Lins acaba por encontrar uma escrita ornamental, cálida, cromática, musical, uma escrita da morte e do amor, má e terna – materna – com a qual descreve e na qual inscreve os seus múltiplos retratos de mulheres. (FERREIRA, 2005, contracapa).

A relação entre os vários narradores e a personagem principal é construída com maestria. Cada mistério inicia-se com um texto, mostrando

a influência do cosmos sobre as ações do homem, ou seja, as relações entre a natureza e o universo construído, o qual é narrado por um sobredestinatário, de uma forma aperspectiva.

O aperspectivismo traz nova riqueza ao foco narrativo por não fixar-se em um único ponto, no tempo e no espaço. Toda a obra é envolvida por uma noção globalizante. O leitor se sente dentro dela, participando de tudo quanto se passa no romance (OLIVEIRA, 2005, p. 56).

Em seguida surgem as mais variadas vozes da narrativa, que buscam construir a personagem Santa Joana Carolina e relatar sua maravilhosa trajetória, desde o nascimento até a morte.

4. A caracterização da misteriosa santa nordestina

O autor dá vida a Joana Carolina, por meio das várias vozes que navegam na sua obra. Sendo assim, constrói discursivamente a personagem, se apropriando de vozes e relações sociais, objeto de estudo do dialogismo bakhtiniano.

Tomamos como partida, na caracterização da personagem, o nono mistério do conto, pois mostra uma história de amor, que é vivida por Cristina e Miguel. É através dos seus olhares, que veremos Joana, exaltada por sua personalidade superior, elevada à condição de santa casamenteira. Amantes apaixonados, eles renunciam toda e qualquer espécie de bens materiais, em troca da possibilidade de viver esse amor. Fugitivos do pai da moça, filha única e herdeira plena, perseguidos, vagam por cidades fantasmas, sem comida, dinheiro e destino. Como poderíamos medir esse amor? Eles sentiam-no explodir dentro de si, como complementa o próprio autor, na obra ora estudada:

[...] subiu dos íntimos uma alegria maior que o sítio e os três engenhos juntos, maior que Pernambuco e Alagoas, maior do que a Bahia, e nós nos beijamos em cima das selas, tão abrasados de amor que nossos corpos, como os dos cavalos, fumaçavam à chuva [...] Tiramos as roupas e logo nos conhecemos sobre uma arca de pinho. (LINS, 2003, p.183).

Após um casamento imaginário, consumado numa cidade desconhecida, dentro de uma igreja abandonada, tornaram-se, perante os santos, marido e mulher. “Antes de partir, ajoelhamo-nos, mãos dadas, frente ao altar dos Santos Cosme e Damião” (LINS 2003, p. 184), e como que com muita pressa, saíram pelas estradas à doida. Trocando roupas e cavalos, com ciganos e feirantes. Não conheciam lugar nenhum, não sabiam para onde iam, apenas precisavam ir. Como fosse ímã, findaram a porta de Joana Carolina, que surpresa nenhuma fez aos receber, algo transcendental, escrito em seus destinos, parece que Joana já os esperava. “[...] devassou-nos, de modo que não precisamos contar-lhe nossa história. Austera, nos sorriu de dentro de seus olhos, nos acolheu [...]” (LINS, 2003, p. 185). Cristina e Miguel não sabiam explicar como foram parar justamente ali, nem como aquela aparentemente simples mulher, podia compreender toda a imensidão de seu amor, toda fadiga de suas histórias, sem nunca os conhecer. “Perguntamos por que víamos, em sua pessoa, a marca da ajuda, ela era para nós alguém que nos aguardava com as nossas efígies a mão, gravadas por quem nos conhecesse, para não haver engano”. (LINS, 2003, p.185).

De fato, só sendo uma santa, pensava o casal. Joana Carolina os recebe, como se já soubesse o que precisava fazer. E assim o fez. Bastou apenas uma conversa com alguém, mandado pelo pai da moça e, na mesma hora, o casamento foi marcado. Dessa maneira, consolidou-se o olhar do casal em relação a Joana Carolina, como Santa, santa casamenteira.

Trouxera-lhes a paz e a partir do momento em que essa santa interveio, não houve mais sofrimento nem medo. “[...] entregando-nos, sem resistência, ao sábio e vivido olhar de Joana”. (LINS, 2003, p. 185).

Volvendo para a vida de Joana, percebe-se, no primeiro mistério, que o seu nascimento se dá sob o signo de balança, aparecendo aí uma qualidade da personagem, que é o equilíbrio. A parteira, que a viu nascer, conta que Joana levou uma vida social modesta. Nota-se também que Joana, apesar da pobreza, trouxe a mãe para a própria casa nos últimos dias da vida, sendo seu arrimo.

No segundo mistério aparece o tesoureiro da Irmandade das Almas, que fala das coisas que davam prazer a Joana na infância, como por exemplo, acompanhar enterros de crianças e brincar com escorpiões no fundo do quintal, pegando-os com as mãos, ressaltando a coragem da menina.

Sob os olhos do futuro marido, algumas características físicas de Joana são evidenciadas no terceiro mistério, quando ele narra que ela tinha cabelos de ouro que esvoaçavam ao vento, olhos azulados e grandes, postados num rosto firme e delicado.

No quinto mistério a mãe diz ao futuro marido de Joana, na ocasião em que o mesmo ia pedir a mão dela, que ao invés dele querer proteger a pretendida, seria Joana quem iria protegê-lo. A mãe também achava que Joana era atenciosa. Lembrava que a filha sempre ia visitá-la e que aos domingos iam à missa, passando momentos agradáveis. E aproveita para recordar que recebia presentes de Joana.

Um fazendeiro e também admirador revela, no sexto mistério, que Joana era uma professora dedicada, que tinha a doçura de uma santa e que viveu uma vida serena, recatada, séria e equilibrada.

No sétimo mistério, sob o olhar de uma das filhas, observa-se que Joana às vezes tinha receios, mas que era dedicada na cozinha e que tinha tino econômico. Narra inclusive que lágrimas saltavam dos olhos

da mãe ao dedicar-se por tanto tempo a trabalhos de crochê, sob a luz do candeeiro, indo depois vendê-los na cidade.

O décimo mistério apresenta vários narradores, os quais se encarregam de falar do envelhecimento da personagem, podendo-se extrair dele que Joana admitia ter sofrido bastante, acrescentando, com resignação, que “[...] a muita vida corresponde muita pena”. (LINS, 2003, p. 190), surgindo aqui outra alusão a uma vida de santa.

No décimo primeiro mistério, um padre ouve de Joana que ela sempre cultivara o hábito de esquecer, demonstrando outra qualidade da personagem, que é a de não guardar rancor. O próprio padre diz ter tido o privilégio de ser a testemunha, no leito mortuário da personagem, de uma ressurreição fugaz, mais perturbadora que a dos mortos, como se fora o retorno de uma face a face em que se transformou. Em seguida, nas suas reflexões, a própria Joana afirma que procurou ser justa ao longo dos seus oitenta e seis anos, complementando que sempre viveu na penúria. Tudo isso reforça a caracterização de Joana Carolina como santa.

O mistério final, que narra os últimos dias de Joana, reflete uma heteroglossia dialogizada, ou seja, o encontro sociocultural de vozes, que produz uma tessitura semântica, a qual nos propusemos a analisar. Repleto de misticismo, ressaltando as características religiosas da personagem, quando diz que ela rezou durante a vida inteira pelos que amou e pelos que a perseguiam. Prossegue destacando as nuances de uma pessoa santa, como abaixo:

Viveu seus dias com mansidão e justiça, humildade e firmeza, amor e comiseração. Morreu com mínimos bens e reduzidos amigos. Nunca de nunca a rapinagem alheia liberou ambições em seu espírito. Nunca o mal sofrido gerou em sua alma outras maldades. (LINS, 2003, p. 198 e 199).

E vai fechando o conto:

Morreu no fim do inverno. Nascerá outra igual na próxima estação? [...] Sob a terra, sob o gesso, sob as lagartixas, sob o mato, perfilam-se os convivas sem palavras. Cedros e Carvalhos, Nogueiras e Oliveiras, Jacarandás e Loureiros. [...] Humildemente, em silêncio, Joana Carolina toma seu lugar, as mãos unidas entre Prados, Pumas e Figueiras, entre Açucenas, Pereiras e Jacintos, entre Cordeiros, Gamboas e Amarílis, entre Rosas, Leões e Margaridas, entre Junqueiras, Gallos e Verônicas [...] (LINS, 2003, p. 199).

Então, no enterro de Joana, era como se toda a humanidade participasse do cortejo. Ali, numa grande mescla de vozes e pensamentos, parecia que todo mundo tinha vindo se despedir da Santa Joana Carolina: aves, árvores, animais, pessoas, frutas, passado, presente, cores, terra, água, fogo, ar... E ela, penetrada de silêncio, no seu vestido das tardes de domingo.

Analisando o conto Retábulo de Santa Joana Carolina, temos a impressão de estar diante de quadros, cada um descrito por uma voz diferente, que se relaciona com outras. No final temos a imagem de uma personagem única, construída por narrativas sociais, como nos confirma Luiz Ernani Fritoli:

O texto é dividido em quadros que têm uma autonomia de episódio, sem ligação sintática verbal entre eles, de modo que os quadros são justapostos, numa seqüência preferencial, mas não obrigatória, produzindo a espacialização da narrativa. A narratividade é garantida pela presença de Joana em todos os quadros e pelo fato de estarem todos agrupados sob o mesmo título e associados por um formato comum: todos têm o

subtítulo “Mistério” e são introduzidos por um “ornamento” (FRITOLI, 2006, p. 25).

5. Conclusão

No conto “Retábulo de Santa Joana Carolina”, tratado por muitos como sua obra-prima, Osman Lins, comprometido com a linguagem do seu tempo, traz o aperspectivismo para sua narrativa. Isso é feito de maneira inovadora, pois o autor não se fixa num único ponto no tempo ou no espaço, fazendo, ao longo do romance, uma conexão do uno com o todo, o que acontece nos parágrafos iniciais de cada mistério, que são dedicados à natureza, ao mundial, ao global. A ligação com o cosmo também pode ser observada no enterro de Joana, quando o peculiar se funde com o universal.

Essa característica já indica uma forma original de escrever. Mas Osman Lins inova mesmo quando emprega uma multiplicidade de vozes, que se entrelaçam no enunciado. As personagens aparecem e desaparecem, trazendo suas visões, vivências e impressões, as quais propiciam ao leitor a caracterização de Joana Carolina de uma maneira plural e dialógica. Essa heteroglossia dialogizada cria uma imagem forte da mulher e eleva a personagem principal a uma condição de santa que vive seus dias em terras nordestinas.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Ana Luiza (1987). *Osman Lins: crítica e criação*. São Paulo, Hucitec.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- CÂNDIDO, A (2007). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- FARACO, Carlos Alberto (2003). *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba, Criar.

- FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo (2005). *Cabeças compostas. A personagem feminina na narrativa de Osman Lins*. São Paulo, USP.
- FIORIN, J. LUIZ (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, Ática.
- FRITOLI, Luiz E (2006). *Os Mistérios da Pintura Escrita na Narrativa de Osman Lins: A Poética da Écfrasis*. In: Revista Letras, Curitiba, UFPR, n° 69.
- GOMES, Inara Ribeiro (2008). *A arte do romance segundo Osman Lins*. In Revista Eutomia, Recife, UFPE n° 01.
- LINS, Osman (1974). *Guerra sem testemunhas*. São Paulo, Ática.
- _____ (2003). *Melhores Contos de Osman Lins*. São Paulo, Global.
- MARCUSCHI, L. ANTÔNIO (2002). *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*.
- MOURA, Ivana (2003). *Osman Lins, o matemático da prosa*. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- NETO, Moisés & AMARAL, Fátima. *Contos de Osman Lins (1924–1978) Seleção de Sandra Nitrini*. Disponível em <http://www.moisesneto.com.br/estudo60.pdf>.
- NITRINI, Sandra Margarida (1987). *Poéticas em confronto. Nove, novena e o Novo Romance*. Brasília, INL.
- OLIVEIRA, Lauro (2005). *Luta e reflexão: O ensaísmo de Osman Lins*. In Revista Outra Travessia. Florianópolis, UFSC.
- VOLOSHINOV, V. N (1930). *Estrutura do enunciado*. São Paulo, [s. n.]
- RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (2008). *Questões de Dialogismo: O Discurso Científico, o eu e os outros*. Tese de Doutorado em Letras. Recife: UFPE.
- RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti e LUNA, Maria José de Matos (2010). *A produção discursiva nas ciências exatas e a constituição do autor-pesquisador*. Recife, UFPE.
- SAMPAIO, Maria Cristina Hennes (2009). *A propósito para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas*. São Paulo, Bakhtiniana.
- SAUSSURE, Ferdinand (1923). *Curso de linguística geral*. São Paulo, [s. n.]